

*Da questão “Quanto pesa uma alma?”, em **Combateremos a sombra**, de Lídia Jorge*

From the question: “How much does a soul weight?”, in *Combateremos a sombra*, by
Lídia Jorge

Regina da Costa da Silveira¹

Ana Denise Teixeira Andrade²

RESUMO: A alma, enquanto entidade, está ligada ao insólito e desperta interesse nas mais diversas áreas. Na literatura, a questão sobre a alma é abordada no romance lusitano *Combateremos a Sombra* (2014), de Lídia Jorge, que tem como indagação primeira a questão: “Quanto pesa uma alma?”, proposta ao protagonista da trama, o psicanalista Osvaldo Campos. A partir desse instigante questionamento, o presente artigo propõe uma reflexão a respeito da alma e quanto ela pesa, isto é, em que medida o “peso” das memórias pretéritas dos pacientes do médico é capaz de influenciar e transformar a vida atual dos personagens. Para tanto, será necessário o aporte teórico de Santo Agostinho, em *Confissões* (2017), e seu tratado sobre a alma, assim como Clément Rosset, na obra *O Real e seu Duplo* (1998), que aborda a temática do duplo, relacionada aos desdobramentos de personalidade, tal qual as personagens do romance.

PALAVRAS-CHAVE: Alma. Peso. *Combateremos a Sombra*. Lídia Jorge.

INTRODUÇÃO

*A alma é o maior de todos os milagres cósmicos, é a **conditio sine qua non** do mundo como objeto. É extraordinariamente surpreendente que o mundo ocidental (com raríssimas exceções) pareça ter tão pequena percepção de que assim o seja (JUNG apud SCHRÖDINGER, 1997, p. 133).*

O ser humano há muito acredita que exista no universo, além dele próprio, uma energia vital, uma alma, que ultrapassa os limites de um simples corpo físico. Desde os pré-socráticos, o tema em questão é permanente, passando por Platão e Aristóteles, por Santo Agostinho, pelos antropólogos antigos como Herder, Frazer, Tylor, chegando-se à psicanálise freudiana, que tem em *Totem e Tabu* o capítulo Animismo, magia e onipotência das ideias. Vale lembrar também que a alma é tema contemplado entre as discussões da antropologia contemporânea, com Eduardo Viveiros de Castro e Philippe Descola, para quem a fisicalidade e a interioridade é o binômio que

¹ Doutora em Letras, área de concentração em leitura e processos culturais. Centro Universitário Ritter dos Reis (Un Ritter). E-mail: regina.flausina@gmail.com

² Doutoranda em Letras, área de concentração em leitura e processos culturais. E-mail: anadeletras@hotmail.com

permanece até hoje como a grande incógnita. Invisível e imortal, a alma é, para grande parte dos estudiosos sobre o assunto, responsável pela animação da matéria. Esse fenômeno, também denominado de espírito, é simbolizado pelo sopro e seus derivados, conforme Jean Chevalier, no *Dicionário de Símbolos* (2015). A alma desempenha funções vitais e já o vocábulo relaciona-se, etimologicamente, com sopro e ar, ou seja, aquilo que tem por objetivo primário promover a vida, animar o corpo que habita.

Nesse sentido, a alma, como sopro, seria composta pelos elementos *animus*, do grego *anemos*, ao sânscrito *aniti*. Quanto à palavra *anima*, princípio de aspiração e de expiração do ar, tem seu registro feminino, haja vista a obra aristotélica denominada *Da anima*. Retomando os teóricos com base no conceito tradicional de alma, já na passagem do século XVII para XVIII, Georg Ernest Stahl formulou a doutrina do animismo para explicar o funcionamento do corpo humano. Para Stahl, a doutrina do animismo sustenta a ideia de que os objetos, os animais e os vegetais também são, de certa forma, animados. Nessa direção, a teoria encontrará correspondência no que diz respeito à física de Erwin Schrödinger, autor que, ao tratar de *Mente e matéria* (1997), no livro *O que é vida?*, dirige-se pelos caminhos da filosofia de Descartes, de Espinosa, para dizer do corpo como parte do objeto, do mundo real, construído a partir das nossas sensações, percepções e memórias. Nos tratos da linguagem, das imagens e dos saltos próprios da poesia, Octávio Paz (1982, p. 49), para quem “a poesia vive nas camadas mais profundas do ser”, atribui à vontade a capacidade de romper com a dualidade sujeito e objeto e nesse sentido o poeta mexicano há de também dar as mãos à antropologia contemporânea.

Como se observa, a alma [*anima*] interessa a pensadores de diferentes épocas e áreas do conhecimento e, por isso mesmo, muito haveria o que se dizer sobre o assunto, não fosse o propósito deste artigo vir restrito à análise do tema em uma obra literária. Trata-se aqui de examinar o livro *Combateremos a Sombra* (2014), de Lídia Jorge, autora portuguesa contemporânea, cujo romance desafia o leitor por vários motivos, dentre eles, a pergunta que o instiga a pensar já no início da narrativa sobre o peso da alma. Quanto ao recorte teórico, a intenção é seguir com maior atenção as reflexões de Santo Agostinho, em *Confissões*, acerca da alma. Em relação aos demais teóricos antes citados, todos eles compõem a bibliografia do projeto de pesquisa desenvolvido pelo Grupo de Pesquisa “Imaginação criadora na constelação conceitual do animismo”, ora credenciado junto ao CNPq.

1 “QUANTO PESA UMA ALMA?”: O ENIGMA NA TRAMA DE *COMBATEREMOS A SOMBRA*

Para uma breve apresentação da autora, pode-se dizer que a portuguesa Lúcia Jorge faz parte de um grupo seleto de escritores e escritoras que, após a ditadura de Salazar, puderam se apresentar e chegar a um lugar de destaque na literatura. Entretanto, essa tarefa não tinha sido fácil, porque fora preciso “romper as algemas” que os prendiam a um passado recente que oprimia e censurava os escritores, principalmente as mulheres. Todavia, com a liberdade assegurada, finalmente foi possível se estabelecer uma união entre a memória coletiva de Portugal e a ficção. Isso, sem procurar subterfúgios ou camuflar a realidade. Assim, nascia o romance de estreia de Lúcia Jorge, *O dia dos prodígios* (1980). Seguiram-se *O cais das merendas* (1982) e, mais recentemente, *Combateremos a Sombra*, escrito em 2007 e publicado no Brasil em 2014. Essas e outras obras de sua autoria procuram restabelecer as memórias a respeito do passado lusitano, especialmente, da época salazarista. Este período recente e marcante da História lusa foi retomado por Lúcia Jorge, em várias de suas produções, em especial, *O vale da paixão* (1998), que em 2003, chega ao Brasil, sendo renomeado como *A manta do soldado*. Nesse romance, assim como nos demais, a memória íntima tem papel de destaque, ainda que a memória histórica apareça, sutilmente, pela voz da narradora protagonista, a inominada, e é associada àquela pela ambientação familiar.

A manta do soldado rendeu à autora inúmeras homenagens. Recebeu o Prêmio Dom Dinis, da Fundação da Casa de Mateus, e o Prêmio Jean Monet, da Comunidade Econômica Europeia. Em decorrência desse reconhecimento, em âmbito internacional, estudiosos e pesquisadores passaram a apreciar suas obras e, desde então, buscam compreender e desvendar os caminhos sinuosos e instigantes de suas narrativas. Em seu país, a escritora logo foi reconhecida pela crítica e recebeu inúmeros prêmios. Entre eles, incluem-se o Prêmio Literário do Município de Lisboa e o Prêmio Bordallo de Literatura da Casa de Imprensa. Em âmbito internacional, em 2006, foi consagrada na Alemanha, com a primeira edição do Albatroz, Prêmio Internacional de Literatura da Fundação Günter Grass, atribuído pelo conjunto da obra.

As narrativas de Lúcia Jorge pertencem a essa literatura portuguesa que aborda, de maneira sensível e com maestria, assuntos pertinentes ao homem e à sociedade. Os limites geográficos e temporais inexistem e ultrapassam as fronteiras, tornando sua obra um campo fecundo para análise. Justamente por isso, o romance *A manta do soldado* (2003) foi objeto de pesquisa para a dissertação de mestrado, intitulada *A memória em A manta do soldado – Lúcia Jorge*, defendida em 2015. Esse estudo revelou a preocupação da autora em explorar o inconsciente e a memória de seus personagens, chegando até o âmago de suas almas. Essas questões relacionadas à mente e ao espírito são novamente retomadas em *Combateremos a Sombra*

(2014) que, já em suas primeiras páginas, revela a preocupação com o mundo invisível, e lança uma instigante demanda: “*Quanto pesa uma Alma?*” (JORGE, 2014, p. 12).

A enigmática e instigadora pergunta sobre o peso da alma é dirigida a Osvaldo Campos, o protagonista da trama em *Combateremos a sombra*. A questão lembra oportunamente Octávio Paz, em *O Arco e a Lira* (1982, p. 120), quando o mexicano refere-se à imagem, observando que “toda imagem aproxima ou conjuga realidades opostas, indiferentes ou distanciadas entre si.”, no sentido de submeter a pluralidade do real à unidade, a ponto de plumas leves e pedras pesadas converterem-se em “unidades homogêneas”. Lembra, com efeito, o espanto da criança ao descobrir que um quilo de pedras pesa o mesmo que um quilo de plumas: “custa-lhes muito reduzir pedras e plumas à abstração de quilo” (p. 120) que os dois objetos perderam sua maneira própria de ser, suas qualidades e autonomia”. Com a poesia, não obstante o poeta nomeie “pedras” e “plumas”, ele é capaz de desafiar o princípio da contradição ao afirmar que “as pedras são plumas”, ou seja, viola as leis do pensamento; cria uma metáfora. Na indagação “Quanto pesa uma Alma?”, é possível imaginar que a alma se presentifique como imagem ou objeto mensurável, algo que deva ser pesado como unidade homogênea. Diante da questão, comporta-se o leitor semelhante à criança: o que lhe custa, porém, é imaginar a alma personificada ou coisificada, suspensa por antigos ganchos ou colocada sobre o patamar de uma balança cujo fiel há de estabelecer-lhe, então, a medida exata em quilogramas.

Retomando, assim, o enredo da obra de Lídia Jorge, sabe-se que o médico psicanalista e professor Campos tem como objetivo escrever um artigo sobre esse assunto, o peso da alma, para uma revista. Embora o tema seja de tal complexidade que exigiria tempo para a reflexão, o diretor da revista, Rui Nunes, sugeriu a Osvaldo que “acrescentasse um subtítulo simplificador – *Responde um Prático*. Um atalho que lhe permitiria sair do impasse” (JORGE, 2014, p. 12). Tal proposta era devida ao atraso do psicanalista para entregar o artigo pronto, uma vez que não haveria a possibilidade de estender o prazo e, assim, retardar ainda mais a publicação. Para o psicanalista, uma enfadonha tarefa. Não que ele julgasse tal abordagem imprópria ou simplista demais. Muito pelo contrário. O professor “não podia deixar de concluir que a questão, ainda que formulada com intuito provocatório, continuava a parecer-lhe imprópria duma publicação científica” (JORGE, 2014, p. 20), já que se tratava de algo muito mais profundo.

Campos estava envolvido em seus próprios problemas e dos seus pacientes. Era uma “alma” ocupada em desvendar as possíveis causas do desequilíbrio emocional de seus clientes e, por fim, restabelecer a sanidade mental. Para o doutor Osvaldo Campos, as pessoas que o procuravam, em seu consultório, vinham para serem compreendidas. Buscavam um tratamento específico, que lhes permitissem desvendar os mistérios que se ocultavam em suas mentes e

almas. Mais do que isso, pretendiam superar suas dores e angústias, oriundas do passado, com a ajuda do psicanalista. Feridas estas que encontraram, no íntimo do próprio ser, a possibilidade de criar raízes profundas, uma vez que homem e alma são indissociáveis e “a palavra alma evoca um poder invisível: ser distinto, parte de um ser vivente” (CHEVALIER, 2015, p. 31). Isso quer dizer que a alma não é totalmente livre e independente, justamente por estar ligada a um corpo que ainda não pereceu e que, por isso, deve ser atendida em suas necessidades emocionais. Essa era a questão primeira para o professor, que

para responder à pergunta cretina de *Quanto Pesa uma Alma?*, ele tinha encontrado, no meio dos apontamentos, uma resposta cretina também – *Pouco, muito, nada, isto é, tudo pesa, desde que se pronuncie*. Naquele momento, Osvaldo tinha em mente as centenas de pacientes que ouvira falar ao longo da sua vida de clínico.
“Os meus pacientes...” – pensou (JORGE, 2014, p. 23).

A clientela do psicanalista era composta por pacientes pagantes e os totalmente gratuitos. Mesmo assim, não havia qualquer distinção entre eles, referente ao atendimento. Entre os não-pagantes estava o angolano Lázaro Catembe, um sujeito que apresentava uma cegueira para os indivíduos de sua própria cor, jamais embarcando em ônibus guiados por motoristas negros. Uma situação que demandava inúmeras intervenções, por parte do médico, que pensava consigo:

Teria o jardineiro conseguido entrar no autocarro? Teria naquele dia conseguido ultrapassar a ideia de que havia transportes públicos que percorriam as ruas conduzidos por volantes que se moviam sozinhos? E se ainda se encontrasse numa paragem à espera de um condutor branco? (JORGE, 2014, p. 26).

Lázaro Catembe, sem dúvida, era uma das grandes preocupações do médico. Quase sempre era necessária uma intervenção mais direta para que o angolano conseguisse embarcar no veículo. Constantemente, o psicanalista ficava ao telefone, assessorando a entrada de Lázaro nos autocarros. Entretanto, essa situação causava certo desconforto para o psicanalista:

Semana após semana repetia-se a situação. Lázaro Catembe tinha a particularidade de não ver os condutores que fossem de sua cor. [...] Mas Osvaldo campos não promovia três sessões de análise por semana no seu gabinete para depois ajudar o paciente a subir ao autocarro falando ao telefone como se o analista fosse um membro da SOS Amizade (JORGE, 2014, p. 17).

Sem falar nas vezes que, pessoalmente, conduzia-o para o veículo. Tudo isso serviria para comprovar que o homem apresentava uma alma atormentada por algum acontecimento insólito de seu passado. O maior temor para o angolano era, justamente, embarcar em veículos que, segundo ele, não existiam condutores. Essa situação ocorria, porque Lázaro é personagem que

participa de uma situação por demais insólita: a de não conseguir enxergar as pessoas de sua cor e, para tomar o ônibus, ter de recorrer frequentemente ao médico para auxiliá-lo nesses momentos que beiram ao *nonsense*, à falta de sentido. Caso contrário, ia a pé para casa. Essa situação perdurou por longo tempo, até que o psicanalista resolveu interferir no caso, de forma nada usual:

“Então vamos ver se desta vez nos entendemos. Eu sigo-o até à paragem do autocarro. Se a viatura trazer condutor, o Lázaro regressa tranquilamente a sua casa. Pelo contrário, se o Lázaro entender que o autocarro não está a ser conduzido por ninguém, eu subo consigo e vamos os dois ver até onde um carro conduzido dessa forma vai ter. Vamos lá os dois experimentar...”
E foram (JORGE, 2014, p. 312).

Médico e paciente tiveram que esperar, até que o ônibus sem condutor aparecesse. Lázaro ia contabilizando, pois, “os autocarros que passavam na direção de outras paragens eram conduzidos por brancos, e ele dizia em voz baixa –‘Este tem motorista, aquele também tem, mas quando aparecer o que vai para a Flamengo, já sei que não vai ter ninguém...’” (JORGE, 2014, p. 312). E assim aconteceu, conforme previra Catembe, que anunciou: “-‘Olha, lá vem o volante a rodar dum lado para o outro, a mexer-se sem homem nenhum...’” (JORGE, 2014, p. 312). Mas o médico não se deixou abater. Conduziu Lázaro até o autocarro e embarcou junto com ele, levando-o até o seu destino, aproveitando para puxar conversa com o motorista e, assim, provar que existia um condutor.

Lázaro Catembe, ao desembarcar, pôde finalmente revelar o motivo de tal cegueira:

Lázaro chorava.
“Desculpe, doutor...”
Chorava por aquele cabrom que na guerra de Luanda, em 92, conduzia um autocarro cheio de gente, e se tinha deixado matar. Deveria ser a ducentésima vez que Lázaro contava, mas era a primeira vez que o fazia daquele modo – “Senhor, eu vinha sentado na frente, aquele condutor caiu para cima de mim, o sangue dele borrifou a mim todo, e o carro andou sozinho, sem direção, com o condutor emborcado em cima do meu peito, o volante sozinho, e o autocarro a estampar-se na esquina do Tribunal, com um estrondo. Buuung” (JORGE, 2014, p. 314).

Depois dessa revelação, Lázaro Catembe consegue sentir sua alma livre das amarras que o aprisionavam a um passado traumatizante. Passou a embarcar sozinho nos ônibus. Mas para o psicanalista, sempre era necessário certificar-se do sucesso da operação, a fim de encerrar, definitivamente, o caso em questão. Por isso, o médico “tinha voltado a acompanhar Lázaro Catembe de regresso a casa, pela segunda vez. Osvaldo queria selar a conquista da noite anterior” (JORGE, 2014, p. 315), a fim de garantir o sucesso de sua investida.

Dentre os poucos pagantes, encontrava-se sua paciente predileta: Maria London. Filha de um renomado arquiteto, ela padecia de um esquecimento voluntário, cujos transtornos obsessivos giravam em torno de pacotes:

- “Professor, desculpe a monotonia, mas voltei a sonhar que viajava num grande pacote. A princípio eu não conseguia decifrar o seu nome pelo ângulo que eu ocupava no sonho, mas era maior que o Grand Parede, e devo dizer-lhe que de novo eu não estava sozinha. Eu estava acompanhada pelo professor. [...] Ela continuou. – “Porque entretanto, eu não tinha vendido a minha alma, nem morrido, mas era praticamente o mesmo (JORGE, 2014, p. 168).

O psicanalista tratava de sua paciente “magnífica” (JORGE, 2014, p.95) com o maior desvelo. A ela, sempre dedicava um tratamento especial. Apreciava a sua companhia e, acima de tudo, sentia necessidade de desvendar os mistérios de sua alma. Osvaldo acreditava que os relatos nas sessões de análise tratavam-se apenas de meros sonhos, fantasias da paciente. Ela sempre agendava suas consultas para o fim da tarde e mantinha, com Osvaldo, uma relação estreita. Para o psicanalista, essa paciente “proporcionava-lhe um campo clínico de grande alcance, e mais do que em relação a qualquer outro paciente, ele tomava notas para descrever o caso” (JORGE, 2014, p. 95). Por isso, as anotações eram mais sistemáticas, porque Osvaldo Campos não podia confiar inteiramente em sua memória.

Maria London ia descrevendo aquilo que, a princípio, era somente um sonho:

- “Nesse domínio, era tudo muito claro. Pois mesmo no sonho eu percebia que se tratava dum barco mental. [...] Chamava-se *Alexandria* e à primeira vista tinha a forma comum dos grandes pacotes de turismo [...] quando se percebia que o barco estava preparado para receber determinada carga...” (JORGE, 2014, p. 170-171).

A confissão de London ao médico lembra, com efeito, os prazeres do ouvido, nas *Confissões*, de Santo Agostinho:

Os prazeres do ouvido prendem-me e subjugam-me com mais tenacidade. Mas Vós desligaste-me deles, libertando-me. Confesso que ainda agora encontro algum descanso nos cânticos que as vossas palavras vivificam, quando são entoadas com suavidade e arte. Não digo que fique preso por eles. Mas custa-me deixá-los quando quero. [...] Sinto que todos os afetos da minha alma encontram, na voz e no canto, segundo a diversidade de cada um, as suas próprias modulações, vibrando em razão dum parentesco oculto, para mim desconhecido, que entre eles existe (AGOSTINHO, 2017, p.285).

Na terapia de Campos, os prazeres do ouvido são evidentes no discurso da paciente. Maria London mencionava em seus sonhos grandes navios, mas nunca chegava a revelar a carga que traziam. Próximos ao devaneio, os sonhos dela careciam de uma análise detalhada. Não

obstante, a narrativa da paciente, proferida com suavidade e arte, vivificava, de certa forma, a imaginação criadora do terapeuta: às palavras de London intrometiam-se assim na interioridade do terapeuta e encontravam no seu íntimo lugar de dignidade. Entretanto, para surpresa dele, os navios mencionados por sua paciente preferida realmente existiam e “estava ali o barco. Uma bomba. [...] aquele era um dos barcos de Maria London. [...] Pois a duas dezenas de passos, o *Alexandria* existia” (JORGE, 2014, p. 182). A revelação foi acompanhada de uma explosão de sentimentos: “Ah! Grande cabrona! Aquela filha da puta enganou-me!” – disse, batendo com um punho no outro” (JORGE, 2014, p. 182). Agora, Osvaldo sabia que havia sido enganado por Maria London; percebe ter concedido ao discurso da analisada mais honra do que lhe convinha atribuir. Aqui o romance assume a pluralidade de ação, dada a coexistência de vários dramas, conflitos e dramas, dinamismo análogo à vida real, e o personagem Osvaldo assume a empreitada de um detetive, tal como no romance policial, para a elucidação do mistério. Restava-lhe saber o que existia por trás de toda a narrativa que tanto prazer lhe trouxera ao ouvido, conferindo-lhe o voo para sua imaginação criadora. O psicanalista passou a investigar o caso, como quem busca uma identidade desconhecida.

Doutor Campos descobriu que Maria London e seu pai, o arquiteto London Loureiro, faziam parte de uma organização criminosa envolvendo o contrabando e o tráfico de determinadas cargas. Utilizavam-se de grandes navios de passageiros para transportarem todo tipo de mercadoria ilícita, a fim de evitar qualquer suspeita. Maria London, pessoalmente, participava do esquema, viajando frequentemente nos paquetes, a mando de seu pai.

A paciente enganava o médico, mas não por ser de má índole ou por compactuar com a vida de crimes. Pelo contrário. Ela tentava, de alguma forma, passar as informações para o psicanalista, mesmo reprimindo ou distorcendo os fatos presentes em sua memória. Dessa forma, Maria London revelava, à sua maneira, aquilo que pretendia esquecer. No caso, a revelação implicaria em envolver a si e ao próprio pai, restando-lhe apenas como “opção” o esquecimento voluntário, justamente por ser considerado, pela paciente, algo doloroso demais e difícil de ser elaborado pela mente.

Para ambos os pacientes, Maria London e Lázaro Catembe, o passado e o presente eram incompatíveis entre si e representavam um obstáculo para a vivência atual. Nesse sentido, os estudos empreendidos por Clément Rosset (1988) evidenciam que “nada mais frágil do que a faculdade humana de admitir a realidade, de aceitar sem reservas a imperiosa prerrogativa do real” (p. 11) uma vez que “o real só é admitido sob certas condições e apenas até um certo ponto: se ele abusa e mostra-se desagradável, a tolerância é suspensa” (p. 11). Justamente por isso, as personagens agiam dessa forma, como seres dotados de um corpo e uma alma atormentada.

2 SANTO AGOSTINHO E O TRATADO DA ALMA

Santo Agostinho, que viveu em 354 d.C, ao tratar da natureza da alma, em *Confissões*, afirma que “o tempo não falha e não dá voltas inúteis pelos nossos sentidos: opera feitos admiráveis na alma” (2017, p. 101). Isso quer dizer que existe a possibilidade de a alma progredir, ou seja, que ela não sai ileso às diversas experiências e vivências corporais. Para Santo Agostinho, existe um constante aprendizado, e ele próprio pôde comprovar isso, pelas inúmeras transformações que seu comportamento sofreu. Alma e mente, segundo ele, são mutáveis e têm a possibilidade de múltiplas escolhas. Na esteira desse pensamento, o leitor de *Combateremos a Sombra* é conduzido para a situação em que o terapeuta Osvaldo Campos observa que tanto Lázaro Catembe quanto Maria London eram possuidores de suas próprias vontades. E, mais do que isso, tinham liberdade para agir conforme seus desejos, ainda que sofressem de certos distúrbios psíquicos. Essa possibilidade de ação já fora mencionada por Santo Agostinho, em seus escritos:

ora mover os membros do corpo segundo a vontade, ora não movê-los; ora ser tomado por algum sentimento, ora não ser tomado; ora proferir sábios pensamentos, ora permanecer em silêncio: tudo isso é próprio de uma alma e de uma mente mutáveis (AGOSTINHO, 2017, p. 187-188).

Para Octavio Paz, a passividade, desde a experiência do vazio interior até a aposta de congestão do ser, exigem uma vontade decidida a romper a dualidade sujeito e objeto:

Tudo depende do que se entende por vontade. Primeiramente devemos abandonar a concepção estática das chamadas faculdades, assim como abandonamos a ideia de uma alma à parte. Não podemos falar das faculdades psíquicas – memória, vontade, etc. – como se fossem entidades separadas e independentes. A psique é uma totalidade indivisível. Se não é possível traçar fronteiras entre o corpo e o espírito, tampouco o é discernir onde termina a vontade e começa a pura passividade (1982, p. 46-47).

Cabe então mencionar a atitude do professor Campos que, por acreditar na mutabilidade da alma e da mente, bem como na possibilidade de uma recuperação, refletia sobre o estado emocional de seus pacientes e sobre o próprio artigo que escrevia. Ao mesmo tempo em que percebia o quanto eram indissociáveis a questão sobre o peso da alma e o próprio padecimento de seus clientes, Osvaldo concluía que “a alma pesa tanto quanto aquilo que uma região sem peso pesa. Pesa o peso do Universo e o peso da sua ausência. A leveza da sua alegria e o peso da sua dor. Pesa o que pesa a consciência de si, quando se narra” (JORGE, 2014, p. 23). Mas ao mesmo

tempo em que se pensava sobre a questão “**Quanto Pesa uma Alma?**”, poderia acrescentar, ainda, uma outra pergunta, tão provocadora quanto a primeira: “**O que pesa sobre a alma?**”.

É possível observar que os personagens Maria London e Lázaro Catembe têm seus espíritos subjugados ao peso da matéria, já que “toda alma tomada pela amizade das coisas mortais é infeliz e se dilacera quando as perde, porque então percebe a infelicidade pela qual era infeliz antes de perdê-las” (AGOSTINHO, 2017, p. 99). Nesses casos clínicos, os pacientes não só foram arrebatados pelos deleites das coisas mortais, como também sofreram as penosas consequências desses deleites.

Como se constata até aqui, a alma pode ser interpretada sob um ponto de vista religioso, ou até mesmo impregnada pelo ceticismo das ciências, como também existe a possibilidade de observá-la pelo viés da psicanálise, pois

a alma é um conceito de múltiplas interpretações, Jung dirá que ela corresponde a um estado psicológico que deve gozar de uma certa independência nos limites da consciência...A alma não coincide com a totalidade das funções psíquicas. (Designa) uma relação com o inconsciente e também...uma personificação dos conteúdos inconscientes... As concepções etnológicas e históricas da alma mostram claramente que ela é, antes de mais nada, um conteúdo relativo ao sujeito, mas também ao mundo dos espíritos, o inconsciente. E é por isso que a alma sempre tem em si algo de terreno e de sobrenatural (CHEVALIER, 2015, p. 35).

É essa união entre o terreno e o sobrenatural, a realidade e o místico, que provoca a inquietação entre os homens. Daí a necessidade de compreender e decifrar os mistérios ocultos da alma, assim como procurava fazer o doutor Osvaldo Campos, mediante seus pacientes, apesar de ele próprio viver enredado em idêntica trama. Sobre o cotidiano de Campos, o texto aponta para uma vida um tanto desorganizada, tanto na vida pessoal, como na profissional do médico e professor. No campo afetivo, um casamento desfeito, justamente porque sua esposa o acusava de irresponsável e descumpridor dos compromissos. Isso se comprova pelos dados que a narrativa mais uma vez expõe, de tal modo que se descobre que o número de pacientes não pagantes que o médico atendia desorganizava a vida financeira da família, sem falar dos seus inúmeros atrasos, em especial o que ocorre na virada do Milênio. Nesse dia, ocorrem fatos que deixaram a esposa Maria Cristina descontrolada e decidida a dele se separar:

- “Quer seja verdade quer não, deverias saber que tu mesmo, em relação a mim e ao meu pai, és um dos miseráveis. Nós dois sustentamos o descontrolo do teu trabalho, compreendes? Estamos cansados...”
[..]Maria Cristina ainda tinha dito – “Ficas com a Casa da praia, eu fico com o Condomínio...” (JORGE, 2014, p. 53; 56).

Mesmo reconhecendo que sempre estava em débito com a esposa, Osvaldo Campos preferia iludir-se. Mediante os subterfúgios usados pelo marido, que é também psicanalista, pode-se recorrer ao que Clémentine Rosset afirma, para dizer que

se o real me incomoda e desejo livrar-me dele, me desembaraçarei de uma maneira geralmente mais flexível, graças a um modo de recepção do olhar que se situa a meio-caminho entre a admissão e a expulsão pura e simples: que não diz sim nem não à coisa percebida, ou melhor, diz a ela ao mesmo tempo sim e não. Sim à coisa percebida, não às consequências que normalmente deveriam resultar dela (ROSSET, 1998, p. 12-13).

De fato, o médico era uma alma em desconformidade com o mundo em que vivia. Exigia-se dele uma racionalidade que não condizia com o espírito desprendido de Osvaldo. Prova disso são as constantes observações de sua secretária Ana Fausta, a respeito dos seus atendimentos. Osvaldo tinha em seu consultório uma agenda, na qual eram anotados os compromissos do médico, pela colaboradora. Cabia a ela, além de agendar atendimentos, controlar as finanças do consultório. Esses pacientes encontravam-se em duas categorias: os pagantes e os não pagantes. O problema é que enquanto a funcionária tentava um equilíbrio entre as sessões que eram pagas e os atendimentos gratuitos, o médico agendava, por sua própria conta, um grande número de pacientes com atendimento grátis. Essa desproporção chamou a atenção de Ana Fausta, que alertava sobre o crescente número de não pagantes, todos marcados por iniciativa do médico. Então,

para cada paciente comum, havia dois gratuitos, o que dava uma média de onze que pagavam, e vinte e três que não pagavam. [...] “Só que a desproporção tende a aumentar...” – disser Ana Fausta. Por exemplo, aquele tinha sido um dia excepcional, cinco pacientes inscritos à lápis, todos por iniciativa direta do Dr. Campos. Ela estava tentando equilibrar os números, conforme combinado, só que ele ia por detrás e estabelecia compromissos indevidos (JORGE, 2014, p. 114).

Apesar dessa constatação inegável, Osvaldo Campos continuava com o mesmo comportamento, marcando terapias para pacientes que não lhe traziam qualquer espécie de recompensa financeira. Dessa maneira, é possível inferir que se trata de agir como uma forma de ilusão o que, para Rosset (1988), seria

outra maneira de se livrar do real [...]. Não me recuso a ver, e não nego em nada o real que me é mostrado. Mas minha complacência para por aí. Vi, admiti, mas que não me peçam mais. Quanto ao restante, mantenho o meu ponto de vista, persisto no meu comportamento, exatamente como se não tivesse visto nada (p. 15).

Assim, de nada adiantavam os avisos emitidos por sua assistente, a fim de lhe evitar a ruína, pois o psicanalista mantinha a mesma postura. Ouvia, reconhecia o problema e persistia, numa visível atitude de negação, uma fuga do real, uma vez que

na ilusão, quer dizer, na forma mais corrente de afastamento do real, não se observa uma recusa de percepção propriamente dita. Nela, a coisa não é negada: mas apenas deslocada, colocada em outro lugar (ROSSET, 1998, p. 13).

O resultado de tantos desencontros, na vida pessoal e profissional, não era mero acaso. Osvaldo percebia onde estava a falha, mas persistia em trilhar o mesmo caminho. Para o psicanalista, era inevitável agir dessa forma. Apesar dos avisos das pessoas que com ele conviviam, dos próprios números que apontavam uma disparidade entre receita e arrecadação do seu consultório e do tratamento nada convencional dispensado aos seus pacientes, nada persuadia o doutor Campos a mudar seu comportamento. No caso do professor, a realidade era “mascarada”, justamente por estar mais interessado nas questões relacionadas aos problemas da alma, do psíquico, do que às necessidades do corpo ou das convenções sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As questões sobre a existência da alma e sua relação com a humanidade sempre foram seguidas de certo misticismo e, até mesmo na descrença as pessoas são levadas pela curiosidade a saber mais sobre o assunto. Com se observou na introdução, desde o pré-socrático Anaxágoras; desde o Animismo, primeira concepção da natureza pelo homem, e acentuando-se com a criação das religiões, existe a prática do oculto à alma e sua possível manifestação, ainda que imperceptível, na vida das pessoas. A Ciência, que tem o Animismo e a Religião como antecedentes, também não dá conta da subjetividade, uma vez que a mente não pode fazer parte do mundo material. Tanto é verdade que o físico renomado Erwin Schrödinger recorre não somente à filosofia como também à psicologia. Ambos, físico e psicólogo, reconhecem que “A torrente de objetos externos de conhecimento fez com que o sujeito de todo o conhecimento se retirasse para o segundo plano, muitas vezes para uma aparente inexistência” (1997, p. 133). Embora dotada de invisibilidade aparente, a alma manifesta seus desejos e anseios, mesmo aprisionada a um corpo físico? Também pode depurar-se ou permanecer estagnada, obstinada a uma ideia fixa, mesmo que isso a leve a tormentos e a prováveis desencontros. Esse era, justamente, o caso do personagem Osvaldo Campos, de Maria London e Lázaro Catembe, em *Combateremos a Sombra*. Uma alma fixada em suas concepções pessoais, ao mesmo tempo em que ele, o médico psicanalista, sabia da necessidade de enquadrar-se aos padrões estabelecidos pela

vida coletiva. Sentia a necessidade e a urgência em corresponder às exigências sociais, mas seu espírito ansiava por transcender, libertar-se, por isso indagava a própria questão que lhe fora proposta: **“Quanto pesa uma alma?”**

Ora, pensar sobre a mente como alavanca sobre a matéria levou o físico Schrödinger (1997) a recorrer não somente à psicologia junguiana para refletir sobre o vazio, como também a recorrência à filosofia de Espinosa se fez necessária. Para o filósofo, maior expoente do século XVII, nem o corpo pode determinar que a mente pense, nem a mente pode determinar que o corpo se mova ou repouse. Ao que o físico se pergunta: “Não seríamos nós, portanto, os agentes de nossos feitos? Não obstante, sentimo-nos responsáveis por eles, somos punidos ou elogiados por eles, conforme o caso. É uma antinomia horrível” (p. 135), constata finalmente. Importante conclusão chega-se aqui, então, a partir dessa ideia de Schrödinger de que:

Embora a substância de que nosso quadro do mundo é construído seja produzida exclusivamente a partir dos órgãos do sentido como órgãos da mente, de tal forma que o quadro do mundo de todo o homem seja e sempre permaneça um constructo de sua mente e não se possa comprovar que tenha qualquer outra existência, ainda assim a própria mente consciente permanece uma estranha dentro desse construto, não tem espaço vivo dentro dele, não é possível identificá-la em nenhum lugar do espaço (SCHRÖDINGER, 1997, p. 136).

Retomando a obra de Lídia Jorge, na impossibilidade de responder à pergunta proposta em seu início, na narrativa conduz-se uma outra questão, também nada simplista: **“O que pesa sobre a alma?”**.

Ao que parece, as duas questões estão intrinsecamente ligadas por um mesmo fenômeno corpóreo. Ambas poderiam gozar de liberdade plena, absoluta; porém, como afirma Santo Agostinho, *“o corpo que é corrompido, pesa sobre a alma e o sentido, voltando-se para a multiplicidade, rebaixa-a para uma habitação de argila”* (AGOSTINHO, 2017, p. 185, grifos nossos).

A questão existencial sobre a alma exigiria, do psicanalista, uma reflexão e um tempo que não constavam em suas prioridades. Osvaldo sentia-se incapaz de colocar o que pensava em um artigo. Parecia mesmo ser necessário uma nova atitude científica para o caso. Mais do que isso, o doutor Campos estava ocupado, realmente, com a alma em si e não disposto a teorizar sobre o tema, pois percebia que o peso da alma estava relacionado aos próprios problemas da humanidade. No caso do romance, significaria em dizer que, para os pacientes Maria London e Lázaro Catembe, o “peso” da alma estava concentrado em suas memórias relacionadas a seus sentidos e, sem a devida ajuda do médico, talvez jamais conseguissem reconhecer ou interpretar o que lhes pesava a alma, ou sobre esta.

ABSTRACT: *The soul, as entity, is linked to the unusual and arouses interest in the most diverse areas. In the literature, the question about the soul is approached in the Lusitanian novel *Combateremos a Sombra* (2014), by Lídia Jorge, whose first question is: "How much does a soul weigh?", proposed to the protagonist of the plot, the psychoanalyst Osvaldo Fields. From this instigating questioning, this article proposes a reflection about the soul and how much it weighs, that is, to what extent the weight of the past memories of the doctor's patients is capable of influencing and transforming the current life of the characters. For that, it will be necessary the theoretical contribution of St. Augustine, in *Confessions* (2017), and his treatise on the soul, as well as Clément Rosset, in the work *O Real and its Double* (1998), deals with the double theme, related to unfoldings of personality, just like the characters in the novel.*

KEY WORDS: Soul. Wight. *Combateremos a Sombra*. Lídia Jorge

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Santo, Bispo de Hipona, 354-430. **Confissões**. Trad. Lorenzo Mammi. 1. ed. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2017.

_____. **Confissões**. Trad. Angelo Ricci. 1. ed. São Paulo: Abril S.A. Cultural e Industrial, 1973. (Col. Os pensadores).

CASTRO, Eduardo Viveiros de. **A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia**. 5. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain, (Orgs.). **Dicionário de símbolos** (mitos, sonhos, costumes, formas, figuras, cores, números). Coord. Carlos Sussekind. Trad. Vera da Costa e Silva et. al. 27. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2015.

DESCOLA, Philippe. Além da natureza e cultura. Trad. Bruno Ribeiro. **Tessituras**. v. 3. Pelotas: UFPel, 2015.

JORGE, Lídia. **Combateremos a sombra**. São Paulo: Leya, 2014.

PAZ, Octavio. **O arco e a lira**. Trad. Olga Savary, 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

ROSSET, Clément. **O real e o seu duplo**: ensaio sobre a ilusão. Trad. José Thomaz Brum. Rev. Suely Bastos e Maria Clara Frantz. Porto Alegre: L&PM, 1988.

SCHRÖDINGER, Erwin. **O que é vida?** O aspecto físico da célula viva. *Mente e Matéria e Fragmentos Autobiográficos*. Trad. Jesus de Paula Assis e Vera de Paula Assis. São Paulo: UNESP, 1997.